

Jaime Pinsky

ESCRAVIDÃO NO BRASIL

(História Popular N.º 4)

São Paulo Global Editora 1981

YARA-AUN-KHOURY

Trata-se de um livro de setenta páginas, escrito em linguagem simples e clara. Um trabalho acadêmico, sem notas de rodapé e que não estabelece discussões bibliográficas. Apresenta, no entanto, para um público menos especializado, questões básicas relativas à problemática da escravidão no Brasil.

o processo histórico possa ser realmente revelado e não falsamente intuído".

Pinsky enfatiza dois aspectos: o caráter brutal da escravidão e o inconformismo do negro com sua situação de escravo.

Segundo o autor, esta obra é fruto de sua postura diante da História; aquela "...de pesquisar com seriedade para que

Critica a historiografia que transmitiu a imagem do escravismo brando, dizendo que "...a idealização pacifista do passado procura justificar a

repressão a movimentos populares no presente".

Aponta o interesse português no negro não só como fonte de trabalho, mas também como mercadoria. A escravidão colonial brasileira, segundo ele, está vinculada à forma de organização da produção na grande lavoura de exportação e ao interesse de traficantes.

Se, por um lado, há uma preocupação dentro do sistema com as condições de tráfico para garantir a sobrevivência da "mercadoria" ou da força de trabalho, as viagens são brutais e inúmeras as mortes.

Assim também, a violência permanece, apesar das leis, portarias e recomendações, no sentido de evitar castigos desproporcionais, que dizimam a população escrava.

O autor assinala um choque de concepções na estrutura escravista: de um lado o interesse do sistema em estabelecer regras para a relação senhor-escravo; de outro o senhor que não admite limitações ao seu direito de proprietário. A própria legislação se identifica com a repressão. Neste sentido também, a religião católica é considerada por Pinsky como uma forma de controle social do escravo, pregando a resignação e a salvação eterna.

Discorre sobre a vida quotidiana do negro, que varia de acordo com o local de trabalho; sobre a moradia e o vestuário, sobre o lazer e o trabalho extra, sobre o sexo, a família e a religião.

Refutando a historiografia que apresenta a idéia de uma sociedade pacifista e de um negro submisso, Pinsky mostra como os escravos reagem aos maus-tratos e a falta absoluta de liberdade. Organizam fugas, solitárias ou em bandos; refugiam-se em quilombos, contra os quais são preparadas investidas agressivas. Os escravos chegam, às vezes, a preparar levantes, como a "Balaiada".

Muitas vezes ocorrem suicídios entre os negros e até mesmo assassinatos como vingança sobre os senhores, feitores e administradores.

Finalizando, o autor chama a atenção para uma questão que não pode ser desprezada: a de que a abolição não pode ser reduzida a um ato dos brancos; representa igualmente o fruto de uma luta dos negros por ela.